

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS IMPRESSOS LITERÁRIOS PUBLICADOS PELA IMPRESSÃO RÉGIA DO RIO DE JANEIRO (1808-1821)¹

Anelise Martinelli Borges Oliveira^(*)

Resumo

O presente trabalho apresenta análise dos nove impressos literários publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro durante a permanência de D. João VI no Rio de Janeiro. Conclui-se que os impressos possuíam um cunho disciplinador, formador de comportamentos necessários para a constituição da mulher de elite.

Palavras-Chave: Impressão Régia do Rio de Janeiro. Impressos Literários. Mulher de Elite.

Abstract

This paper presents the analysis of nine literary forms published by the Royal Printing of Rio de Janeiro during the stay of D. João VI in Rio de Janeiro. We conclude that the output had a disciplinary matrix, forming behaviors necessary for the constitution of women elite.

Keywords: Impressão Régia do Rio de Janeiro. Literary Forms. Women Elite.

Introdução

Este texto vincula-se à minha dissertação de Mestrado, intitulada *A arte dos bons costumes na corte brasileira (1808-1821)*, defendida no ano de 2009, pela Universidade Estadual Paulista, campus Franca - SP².

Com o objetivo de contribuir para a compreensão de aspectos importantes relacionados à história do ensino de literatura no Brasil, este texto apresenta análise dos nove impressos literários publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro durante os 13 anos de permanência de D. João VI e de sua Corte no Rio de Janeiro (1808-1821)³.

¹Trabalho apresentado no VII CBHE, realizado de 20 a 23 de maio de 2013, em Cuiabá (MT).

^(*)^(*) Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação da Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho 0 UNESP – Campus Marília SP. Possui Mestrado em História pela UNESP – Campus de Franca (SP). Graduação em História pela UNESP – Campus de Franca (SP). E-mail: anelisemartinelli@hotmail.com.

²Minha dissertação de Mestrado teve como orientador o Professor Doutor Jurandir Malerba.

Fundada em 13 de maio de 1808, a Impressão Régia do Rio de Janeiro constituiu-se como uma importante medida na legitimação da reprodução do poder régio de D. João VI. A primeira tipografia oficial do Brasil foi responsável por imprimir, além dos impressos literários citados, diversos tipos de documentos, como pronunciamentos reais, publicações particulares, despachos, livros de gramática, matemática, direito, medicina, dentre outros⁴. Em conjunto com a Impressão Régia, estabeleceu-se uma junta diretora, a qual tinha por função “examinar os papéis e livros” e fiscalizar as publicações, para que não existissem impressos “contra a religião, a moral e os bons costumes”. (AVISO DE 24 DE JUNHO DE 1808).

De acordo com Alfredo do Valle Cabral (1881), em estudo pioneiro sobre a bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro entre os anos de 1808 e 1822, a Impressão Régia publicou aproximadamente 35 impressos literários. No entanto, estudos posteriores, como os de Camargo e Moraes (1993) e Souza (2007), evidenciam que foram apenas nove os impressos publicados, uma vez que, no período joanino, não existia uma rígida distinção entre as publicações feitas pela Impressão Régia do Rio de Janeiro e pela Impressão Régia de Lisboa. Os nove impressos publicados são: *O diabo coxo, verdades sonhadas e novella de outra vida traduzida a esta* (1810), de Alain-René Le Sage; *História de dois amantes, ou Templo de Jatab* (1811), de Claude Godard D’Aucour; *Paulo e Virginia. História fundada em facto* (1811), de Bernardin de Saint Pierre; *Aventuras pasmozas do célebre barão de Munkausen* (1814), de Erich Rudolf Raspe; *As duas desafortunadas* (1815), de Jean François Marmontel; *A filósofa por amor, ou cartas de dous amantes apaixonados e virtuosos* (1811), de Rétif de la Bretonne; e livros cujos autores são desconhecidos: *O castigo da prostituição* (1815), *Historia da donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura, e sabedoria* (1814), *Triste effeito de huma infidelidade* (1815).

³As modificações encetadas por D. João VI no Brasil objetivavam “reproduzir as condições de sociabilidade de vida em Corte mais próximas daquelas vivenciadas em Portugal.” (OLIVEIRA, 2009, p.28)

⁴Cabral (1881), ao utilizar método de catalogação baseado na coleta de informações em impressos, anúncios de jornais e periódicos da época, selecionou um total de 1.340 publicações feitas pela Impressão Régia. Ao analisar a bibliografia da mesma tipografia, Camargo e Moraes (1993) selecionaram um universo de 2.149 documentos.

A publicação dos nove impressos ao longo do período joanino é aqui considerada como um ponto de inflexão, por inserir, no Brasil, a publicação dos primeiros livros literários de caráter educacional. Assim, a análise da configuração textual desses impressos será importante para se compreender a relevância do discurso instrutivo presente em cada um deles, no sentido de levar a “educação” aos seus leitores, bem como o processo pelo qual se moldou, em certos aspectos, o caráter educacional da sociedade da época.

Os documentos utilizados como fontes inserem ainda a produção literária destinada ao público feminino, principalmente no Rio de Janeiro, cidade em que eram editados os impressos da Impressão Régia e também onde se encontrava maior parcela da camada abastada e letrada do Brasil.

Como define Le Goff – ao falar sobre a questão do documento/monumento no ofício do pesquisador – um dos significados do documento (e o preponderante) é o seu “papel de justificativa” na investigação. O documento, para Le Goff (1996, p. 535),

[...] não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento [sinal do passado, ou tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, como os atos escritos, por exemplo] permite a memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

Não obstante o objeto histórico não possa ser resgatado todo e plenamente de seu contexto, é tarefa do pesquisador tentar compreender o seu momento mediante interrogações condicionadas a partir do presente, pois, de acordo com Bloch (2001, p. 60), “nunca se explica um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento”.

A análise das fontes documentais utilizadas permite constatar que a difusão das temáticas dos nove impressos publicados pela Impressão Régia, as quais tinham por objetivo levar a “educação” aos seus leitores mediante exaltação de comportamentos “ideais”, estiveram associadas ao desenvolvimento das propostas educativas ao longo dos treze anos de permanência de D. João VI no Rio de Janeiro.

Como parte dessas propostas educativas, em 1809, um ano após a chegada de D. João VI, foi sancionado um decreto que estabelecia os procedimentos a serem adotados para se contratarem novos professores, o qual seria “necessário [...] e muito conveniente

ao aumento e prosperidade da litteratura e da educação nacional”. (DECRETO 17 DE JANEIRO DE 1809). A instauração de *colégios de educação* (CARTA RÉGIA 14 DE SETEMBRO DE 1820) assim como o aumento do ordenado para professores de primeiras letras (CARTA RÉGIA 28 DE JUNHO DE 1819) também se firmou como importante resolução na melhoria da instrução.

Ainda com relação aos aspectos instrutivos, foram criadas instituições de instrução, como os cursos de Medicina e de Economia, em 1810; o curso de Agricultura e a Academia Real Militar, em 1812; o curso de Química, em 1817; e o curso de Desenho Técnico e a Escola de Serralheiros, em 1818. Implantaram-se também, instituições de cultura como a Impressão Régia e o primeiro jornal impresso *Gazeta do Rio de Janeiro* (ambos em 1808), a Biblioteca Pública e o Jardim Botânico (ambos em 1810), a primeira revista impressa *O Patriota* (1813), e o Museu Nacional (1818).

Nesse cenário de difusão das novas propostas educativas implantadas no Brasil, a publicação dos nove impressos literários pela Impressão Régia representou importante medida para uma maior diversidade da leitura.

Com base no exposto acima, considero importante elencar alguns aspectos sobre o enredo de cada um dos nove impressos na propagação de certos tipos de comportamento.

1. *A filósofa por amor ou cartas de dous amantes apaixonados e virtuosos*

Durval e Adelaida de Saint-Fray são dois jovens apaixonados que se correspondem por cartas. Por não pertencerem à mesma camada social – Adelaida faz parte da nobreza e Durval é um plebeu – sabem que esse amor poderá não ser aprovado pela família dela. Em carta endereçada à moça, isso fica claro: “Nem sou nobre, nem bastante rico para fazer-me tal, não posso ser vosso, e vossos pais jámais consentirão na nossa união”.

Com o objetivo de conseguir essa aprovação, Adelaida entrega aos seus pais as cartas escritas por Durval. Sua mãe mostra-se compreensiva porém seu pai “as recebeo [as cartas] com huma perturbação incrível, e, depois de as ter lido, encarou a sua filha cheio de colera, e a arrojou de sua presença, accusando-a de ter-se deshonrado, e perdido a sua estimação.”

A mãe de Adelaida passa a se corresponder com Durval, explicando-lhe as razões do não consentimento paterno. Apesar de agir com certa cordialidade, o pensamento da mãe pode ser evidenciado nessas palavras: “a obediência filial he um tributo que deveis pagar á natureza”.

Os pais de Adelaida a enviam para a casa de uma tia em outra cidade, a fim de que possa esquecer Durval. Ela continua a enviar cartas para Durval, mas o jovem não mais lhe responde. Sua indiferença faz com que Adelaida comece a repudiá-lo: “Huma fraca resistencia, huma supplica dictada pela ambição, huma ordem bastou para apagar na sua alma o ardente, e inextinguivel fogo do amor. Por nada conta as minhas lagrimas, e por menos ainda as afflicções de huma amante virtuosa, e demasiadamente sensivel. Só obedece exactamente aos meus inimigos, e perseguidores. Perfido!”

Ao perceber que sua ação fora impensada e infantil, Adelaida compreende que a atitude de seu pai, ao repudiar a ideia de vê-la casada com um homem de estratificação social inferior, fora justificável.

2. As duas desafortunadas

Lucilia e a Marqueza de Clarence, duas mulheres até então desconhecidas e pertencentes à alta camada, retiram-se para um convento. Passam a ter uma forte amizade e relatam os motivos que as levaram para aquele local.

Antes de ir para o convento, Lucilia apaixonou-se por um nobre e bom rapaz, que também nutria esse sentimento por ela. Suas famílias, que eram bastante amigas, aprovavam o amor entre ambos. No entanto, um processo burocrático intentado pela família dele levou a família de Lucilia à ruína financeira. Depois disso, ambos foram privados de se verem. O rapaz, então, lhe escrevera: “Tudo está perdido para mim, minha querida Lucilia. Eu vos peço mil vezes perdão dos pezares, que meu Pai vos causa”. A mãe de Lucilia, que não mais aprovara esse amor e acreditara que o moço era cúmplice de seu pai, decidira levá-la ao convento. Após cinco anos de reclusão, Lucilia ainda sofria com o destino que lhe fora imposto: “Eu me sinto morrer a cada instante; e o prazer de estar perto da sepultura he o unico, que eu gosto.”

Assim como Lucilia, o motivo que levava a Marqueza de Clarence para o convento também fora o amor por um homem. O Marquez de Clarence, diferentemente

do rapaz citado por Lucilia, possuía um caráter libertino e vil: “a doçura de huma união inocente, e socegada, não teve mais para elle os mesmos encantos”. Devido às aventuras de seu marido, a Marqueza decidira se retirar para o convento por vontade própria.

Em dado momento do relato, as duas mulheres descobrem que o sofrimento delas fora causado pelo mesmo homem. A conversa de ambas é interrompida pela notícia da má saúde do Marquez, que, no leito de morte, pede pela presença da Marqueza e lhe diz: “O’ vós a quem eu tenho tanto, e tão cruelmente ultrajado [...]; vede a ferida medonha com que a mão de Deos me tem castigado. [...] Acaba, acaba de expiar minha vida: não ha males, que eu não mereça: eu tenho enganado, deshonorado, e perseguido a innocencia, e a mesma virtude.

Após obter o perdão de suas faltas, o Marquez falece, e a Marqueza volta ao convento, onde toma o hábito assim como Lucilia.

3. Aventuras pasmozas do célebre Barão de Munkausen

O livro sintetiza as aventuras do Barão de Munkausen, um jovem nobre alemão que viajara pelos continentes europeu, africano, asiático e americano.

Durante suas viagens, o Barão deparou-se sempre com situações de risco, envolvendo lugares inóspitos, animais de grande porte e inimigos políticos: “O ter eu escapado tantas vezes com felicidade, e por tão pouco, tudo devo a hum grande esforço e presença de espirito, de sorte que com effeito posso esperar ser lembrado na Floresta, na Estrada, e no Campo”.

A descrição das viagens do Barão é caracterizada por acontecimentos fantásticos e exagerados. Em decorrência disso, faz um alerta aos leitores que não acreditam na veracidade de sua narração: “Há viajantes que muito exageram, e por conseguinte faltão á verdade, pelo que, se houver [alguém], que duvide do que tenho dito, só lhes direi, que me compadeço da sua falta de fé, e lhes rogo que se retirem antes que eu dê principio á segunda parte das minhas aventuras, pois são tão rigorosamente fundadas na verdade como a primeira.”

4. Historia da donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura, e sabedoria

Theodora era uma bela escrava que tinha sido comprada por um rico mercador do reino de Tunes, na Hungria.

Com o intuito de lhe dar instrução, o mercador financiara os seus estudos, e Theodora aprendera a ler, a escrever, e todas as artes criadas pelos homens. Passado algum tempo, o mercador perdeu toda a sua fortuna. Para livrar o mercador daquela situação, Theodora sugeriu que ele a vendesse a um rei, por uma grande quantia de ouro. Chegando ao castelo, o rei não compreendeu porque a quantia pedida era tão alta. O mercador, então, disse que o valor da donzela estava à altura de seu conhecimento, o qual era maior do que a de qualquer sábio.

Para testar a sabedoria de Theodora, foram chamados os três maiores sábios do reino para lhe fazerem perguntas sobre astronomia, astrologia, filosofia, medicina e outras ciências humanas. O primeiro sábio, após ouvir todas as respostas de Theodora às suas perguntas, disse: “Por verdade digo a V. Alteza, que esta gentil Donzella, que presente está, certamente sabe mais do que eu, e assim me dou por convencido, e digo que he a mais sábia que ha no mundo”. O mesmo ocorrera com o segundo e com o terceiro sábios, os quais também reconheceram sua sabedoria.

Por fim, o rei, para testar seu conhecimento, lhe fizera perguntas sobre o matrimônio. Theodora assim respondeu: “[...] Os que nesta ordem quizerem entrar, entre as outras cousas devem estimar estas. A primeira, que a mulher que houver de eleger, seja de idade para haver filhos, que por isto a ordenou Deos, e o segundo, que seja de boa geração, e filha de bons pais. E o terceiro, que Ella seja boa, e de boa fama, honesta, discreta, e sã dos seus membros [...]”.

Compadecendo-se do grande conhecimento de Theodora, o rei ordenou que a transportassem de volta a sua terra, juntamente com o mercador, o qual foi presenteado com grande quantia de ouro.

5. Historia de dois amantes, ou Templo de Jatab

O livro é narrado por Deley, jovem que trabalhava para um mercador de escravas. Ao viajar para a Pérsia, com o objetivo de comprar mulheres para os príncipes

de Constantinopla, Deley se apaixona por Zulima, uma bela moça que somente iria ser vendida como escrava por seu pai após cumprir com uma cerimônia religiosa do profeta Jatab, no templo do mesmo nome. Durante a cerimônia, as moças deveriam perder a virgindade e prestar favores sexuais aos Ministros de Jatab.

Ao perceber a reciprocidade de Zulima, Deley repudia a ideia de vê-la nos braços dos Ministros e consegue, juntamente com seu amigo Azaim, fazer parte do ministério, cargo esse que deveria ser preservado por toda a vida. Na noite da cerimônia, Deley realiza o seu propósito de fazer com que Zulima prestasse favores sexuais a ele: “Que deliciosa noite! Jamais terei outra igual em minha vida: o somno teve apenas tempo para me fazer pagar o tributo, que Morpheu deve cada hum dos mortaes, elle nos recebeo em seus braços, quando sahimos dos de Amor”.

Após a cerimônia, Zulima parte e, depois de alguns dias, Deley tenta fugir do Templo de Jatab para então encontrá-la. No entanto, alguns ministros o surpreendem no momento da fuga e o prendem. Um ano depois, Deley é libertado por Zulima, que, em troca da liberdade do amado, oferece seu primeiro filho a Jatab.

Deley e Zulima conseguem sair do Templo e fazem fortuna em outro país. Quando voltam à Constantinopla, Deley paga ao pai de Zulima uma quantia maior do que ele havia pedido a quem comprasse sua filha.

Deley também compra uma casa, a qual mantém Zulima isolada do mundo externo, uma vez que, para ele, “a experienncia ma fez para sempre occultar a todos os viventes”.

6. O castigo da prostituição

A história é narrada por uma rica jovem de dezesseis anos que relata como perdeu a virgindade ao ser induzida por uma mulher mais velha. Para manter os personagens em sigilo, não utiliza nomes.

Antes de conhecer a mulher que a influenciara, a jovem era uma menina inocente: “Contente de mim mesma todos os objectos me agradavão: minha alma, e meu corpo erão virgens; meus sentidos e meu coração erão virtuosos”.

Quando se conhecem, a mulher passa a lhe incitar novos sentimentos: “A mocidade passa bem depressa. A velhice chega, e quereis vós morrer sem teres gostado

os prazeres da vida? Oh! Se vós soubesseis que novidades vos esperão, e que prazeres desconhecidos vós experimentareis em o primeiro ensaio das doçuras do amor”! Para convencê-la, a mulher ainda faz referência a um rico homem que supostamente estava apaixonado por ela.

Convencida, a jovem consome o ato, que vem logo seguido de arrependimento: “Eu bem tarde conheci, que esta mulher odiosa me tinha vendido a este traidor; e que entre elles se tinha ajustado a perda da minha innocencia”.

Bastante arrependida, a jovem aconselha suas leitoras a não cometerem o mesmo erro: “E vós ó Donzellas, que sois dotadas de alguma formosura, quanto meu exemplo, e minhas desgraças vos devem instruir! [...] Não vos deixeis enganar por mulheres libertinas: lembrai-vos que desde o primeiro instante em que tropeça vossa fraqueza, principião vossas desgraças para não acabarem já mais”.

7. O diabo coxo, verdades sonhadas e novella de outra vida traduzida a esta

Em uma noite, o estudante espanhol Dom Cleófas descobre que um diabo estava preso em uma redoma. Com sua ajuda, o diabo consegue se libertar. Como forma de agradecimento, Asmodêo leva Cleófas ao alto da cidade de Madrid e tira os tetos das casas para mostrar-lhe tudo o que ocorre em seu interior e, assim, descobrir “os defeitos dos homens [...] os motivos de suas acções [...] e até os seus mais occultos pensamentos”.

Ambos começam a observar as atitudes das pessoas. Em uma casa de jogo, por exemplo, dois homens discordaram com relação ao resultado das cartas e acabaram por matar um ao outro. Ao presenciar o ocorrido, Cleófas pondera: “Muito me compadeço daquelas pessoas, a quem o furor do jogo domina: elles tem muitas vezes o espirito em huma horrivel situação. Graças ao Ceo que não sou arrastado por semelhante vicio”.

Passaram por várias casas, onde puderam presenciar atitudes de leviandade, corrupção, ambição, generosidade, amor.

A última casa que observaram foi vítima de um grande incêndio. Cleófas avistara, entre o fogo, uma linda moça de nome Serafina, a quem queria salvar. Asmodêo, para poupar a vida de Cleófas do incêndio, se transformou fisicamente em Cleófas e salvou Serafina, entregando-a a seu pai. Depois, voltando ao que realmente

era, Asmodêo disse a Cleófás que o pai de Serafina o estimava muito, e que apoiava o enlace entre os dois. Cleófás agradeceu a amizade de Asmodêo.

8. Paulo e Virgínia. História fundada em facto

O livro é narrado por um morador da despovoada Ilha de França, de quem os personagens são amigos.

Madama de la Tour, uma nobre viúva que fora casada com um homem de condição social inferior, morava na ilha com sua jovem filha Virgínia. Nessa ilha, também moravam Margarida, vinda de uma família de camponeses, e seu filho bastardo Paulo. Com o passar do tempo, as duas mulheres se tornaram grandes amigas, e os seus dois filhos se apaixonaram.

Enquanto Margarida apoiava o enlace de Virgínia e Paulo, Madama de la Tour o repreendia: “São ainda muito novos, e mui pobres. Que desgosto para nós, se Virgínia desse á luz filhos desgraçados, que não teria talvez a força de criar!”

Para evitar essa união, Madama de la Tour envia sua filha à França, para os cuidados de uma rica tia “a quem ella destinava huma boa educação, hum partido na corte, e a doação de todos seus bens.” Virgínia aceita a decisão de sua mãe: “Se esta he a ordem de Deos, a nada me opponho. A vontade de Deos seja feita.”

Na França, Virgínia aprendeu a ler, a escrever e a se portar como uma dama da Corte. Apesar de toda a fortuna, ela não se sentia feliz e volta à ilha por ordem de sua tia, após se recusar a casar com um homem da Corte.

Quando voltava para a ilha, já perto da encosta, o navio em que Virgínia estava foi atingido por um furacão, virando em seguida. Para se salvar, Virgínia teria de retirar parte de sua vestimenta. No entanto, a ficar parcialmente despida, preferiu morrer: “[...] vendo a morte inevitavel, poz huma mão sobre seus vistidos, e a outra sobre seu coração, e erguendo ao Ceo olhos serenos, pareceo hum anjo, que toma seu voo para os Ceos.”

O narrador do livro tenta consolar Paulo da morte de Virgínia, afirmando que, se ela pudesse lhe falar, diria o seguinte: “Ó Paulo! [...] Eu fui achada fiel ás leis da natureza, do amor, e da virtude. Eu atravessei os mares para obedecer aos meus parentes; eu renunciei ás riquezas para conservar a minha fé; e estimei mais perder a vida, do que violar a honestidade”.

Passados três meses da trágica morte, Paulo, sua mãe Margarida e Madama de la Tour também morrem.

9. Triste efeito de huma infidelidade

O narrador do livro é um homem da nobreza, que se dirige por Mosqueteiro. O autor oculta os nomes dos personagens, para preservar suas identidades.

Durante uma noite, ao andar pelas ruas de Paris, Mosqueteiro encontra três mulheres e, depois de algum tempo, percebeu se tratar de um religioso, uma rica jovem grávida e a sua criada. Ao perceber as boas intenções do Mosqueteiro, a jovem lhe explica que era órfã de pai e mãe e que havia fugido de casa juntamente com a criada porque estava grávida de um amante, e seus dois irmãos mais velhos não consentiam aquilo. Como forma de ajudar, Mosqueteiro oferece a sua casa para hospedar a jovem e sua criada.

A jovem, que acreditava no amor de seu amante, um rico homem da Corte, lhe escreve contando o ocorrido. Contrariando o esperado por ela, o homem se torna indiferente perante a situação.

A jovem, então, decide ir para um convento depois que o filho nascesse, o que foi aceito pelo Mosqueteiro. Sob pretexto de cansaço, a jovem se retira para seu quarto, e, depois de duas horas, o Mosqueteiro descobre que ela havia se matado com um punhal. Deixou uma carta ao Mosqueteiro, na qual explicava que havia apunhalado justamente o seu coração para que o bebê pudesse ser salvo. A carta também continha essas palavras: “[...] A Deos, eu morro contente. O Ceo, que só castiga os crimes, terá piedade de minha alma. Nada mais me inquieta do que o desgraçado fructo, que trago em meu ventre.” A fim de salvar o bebê e o retirar do ventre da mãe, Mosqueteiro pede auxílio a um médico, porém ele vive apenas por meia hora.

Mosqueteiro, então, conduz os dois corpos ao cemitério, para serem enterrados “em huma mesma cova”.

Considerações finais

Os resultados que apresento neste texto permitem constatar que os impressos publicados pela Imprensa Régia durante a permanência de D. João VI no Rio de

Janeiro estiveram associados ao contexto instrutivo do período. A publicação dos livros ocorreu somente após a aprovação da junta diretora da Imprensa Régia, que julgara que seus conteúdos estavam condizentes com a proposta instrutiva estabelecida por D. João VI.

A temática contida nos livros engloba, dentre outros, assuntos relacionados ao comportamento moral humano, e em grande parte à mulher de elite. A indicação de condutas relacionadas ao segregacionismo social, castidade, religiosidade, dentre outras, foram propagadas como forma de levar a *educação* a essa mulher, que, por já possuir uma educação diferenciada que fora herdada da tradição familiar, deveria se desviar de condutas que não eram compatíveis com sua posição social e seu grau de instrução. É possível, portanto, concluir que os impressos publicados pela Imprensa Régia durante o período joanino possuía um cunho disciplinador, formador de comportamentos necessários para a constituição da mulher de elite.

Referências

[autor desconhecido] *O castigo da prostituição*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1815.

[autor desconhecido] *Historia da donzella Theodora*, em que trata da sua grande formosura, e sabedoria. Tradução Carlos Ferreira Lisbonense. Lisboa: Imprensa Régia, 1814.

[autor desconhecido] *Triste efeito de huma infidelidade*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1815.

BLOCH, Marc. *Apologia da História*, ou, o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRETONNE, Rétif de la. *A filósofa por amor*, ou cartas de dois amantes apaixonados e virtuosos. 2v. Rio de Janeiro. Imprensa Régia 1811.

BRASIL. Carta Régia de 28 de junho de 1819. *Eleva a 240\$000 annuaes o ordenado dos Professores de primeiras letras da Cidade da Bahia*.

BRASIL. Carta Régia de 14 de setembro de 1820. *Approva o estabelecimento de um collegio de educação creado na Villa do Recife, em Pernambuco*.

BRASIL. Decreto de 17 de janeiro de 1809. *Prescreve a maneira por que hão de ser providas as cadeiras de ensino publico neste Estado do Brazil*.

CABRAL, Alfredo do Valle. *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba. *Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro*. São Paulo: EDUSP; Livraria Kosmos, 1993.

LE SAGE, Alain- René. *O diabo coxo*, verdades sonhadas e novellas da outra vida traduzida a esta. 2v. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1810.

MARMONTEL, Jean François. *As duas desafortunadas*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1815.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4. ed. Campinas: EDUNICAMP, 1996.

OLIVEIRA, Anelise Martinelli Borges de. *A arte dos bons costumes na corte brasileira (1808-1821)*. 2009. 90f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Franca, 2009.

RASPE, Erich Rudolf. *Aventuras pasmosas do celebre Barão de Munkausen*, que contem hum resumo de Viagens, Campanhas, Jornadas e Aventuras extraordinárias igualmente a descrição de huma viagem á Lua e Canicula. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1814.

SAINT, PIERRE, Bernardin de. *Paulo e Virginia*. História fundada em factos. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1811.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Impressão Regia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. 2007. 211f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.